

3

A IMAGEM GRÁFICA DA NOTÍCIA

3.1

NOTÍCIA E INFORMAÇÃO

Antes de avançarmos sobre a forma como se estrutura a notícia no *Jornal Nacional*, cabe aqui uma diferenciação entre informação e notícia. Por notícia compreende-se o “relato de fatos ou acontecimentos atuais, de interesse e importância para a comunidade” (Barbosa, 2002: 513). Muniz Sodré considera que a notícia é um relato jornalístico de acontecimentos relevantes para o cotidiano do público; “é propriamente uma *forma narrativa*, ou seja, um modo específico de se contar uma história. [...] O fato é a matéria-prima do produto notícia” (1996:132). Informação recebe diferentes definições de acordo com a base teórica ou a disciplina que a examina. Consideramos, então, como informação o “conteúdo da mensagem emitida ou recebida”, a “notícia comunicada a alguém ou ao público” (Barbosa, 2002: 388-389). Assim, podemos concluir que a informação é uma notícia que está em condições de ser recebida pelo público ou, em outras palavras, o conhecimento que é absorvido pelas pessoas.

3.2

A ESTRUTURA DA NOTÍCIA

A apresentação que se fará da estrutura do *Jornal Nacional* tem como objetivo localizar o objeto deste trabalho, os selos do telejornal no conjunto do programa. As expressões utilizadas fazem parte do jargão jornalístico e correspondem aos termos utilizados pela equipe que atua no trabalho diário de elaboração do *Jornal Nacional*. A presente descrição foi organizada a partir da observação dos telejornais veiculados durante o primeiro ano de produção desta dissertação, o ano de 2002. Embora ao longo do tempo o *JN* tenha apresentado algumas variações estruturais, como, por exemplo, leitura de editorial por um apresentador exclusivo para este fim e leitura de matérias esportivas por um apresentador esportivo, a estrutura de exibição do noticiário permaneceu praticamente inalterada. Além do que, a forma como o telejornal é construído não consiste na parte central do nosso projeto, servindo apenas para evidenciar o momento de inserção dos selos no telejornal.

O *Jornal Nacional* se inicia com a apresentação da escalada (Fig. 9) pelos âncoras, que mais do que simples apresentadores, participam na elaboração das notícias, podendo ainda imprimir uma interpretação pessoal na sua leitura. A escalada é, necessariamente, o primeiro item do espelho que, por sua vez, consiste na relação das matérias de um telejornal, na sequência em que serão apresentadas; a escalada procura informar as notícias que terão destaque no programa daquele dia, com o objetivo de manter o interesse dos telespectadores até o final do noticiário. Os apresentadores se alternam na leitura dos assuntos mais importantes que estarão no telejornal daquele dia. Isto é feito antes mesmo do *boa-noite*, procurando atrair a atenção dos telespectadores para o conteúdo do telejornal. As imagens dos apresentadores ao vivo alternam-se com a exibição dos *teasers*, trechos destacados das imagens das matérias. Em seguida, é rodada a vinheta de abertura ao som do tema musical do programa. A vinheta gráfica de abertura mostra o logotipo do JN em movimento, descortinando a redação onde o jornal é elaborado. A câmera voa sobre as mesas da redação, pousando suavemente e enquadrando a bancada onde se encontram os apresentadores. Procede-se a um corte de câmera, enquadrando-se apenas um dos apresentadores que, após um curto cumprimento de *boa-noite*, lê a primeira notícia. O jornal prossegue, então, seguindo o roteiro estruturado no espelho. Como se pode observar na Fig. 15, o espelho do telejornal é distribuído em blocos, formados por um grupo de notícia e separados por intervalos publicitários. Cada bloco é encerrado com uma chamada, um resumo dos próximos assuntos, lida com o objetivo de manter a atenção do telespectador. Esta chamada, geralmente, é feita por um dos âncoras que anuncia ao vivo os assuntos em destaque no próximo bloco. Segue-se uma vinheta gráfica e sonora mais curta que a utilizada na abertura, formando uma moldura, dentro da qual se exibem trechos de imagens que serão mostradas no bloco seguinte acompanhadas, ainda, por um breve texto escrito, não lido em voz alta, relacionado ao assunto que será abordado (Fig. 13). Na volta do comercial, ouve-se novamente a chamada musical acompanhada por um curto voo do logotipo.

O *Jornal Nacional* geralmente é composto por quatro ou cinco blocos que, por sua vez, apresentam uma média de três a sete matérias. Em levantamento realizado ao longo de uma semana, Rezende encontrou uma média de 4,2 matérias distribuídas em blocos de aproximadamente 5'35'' (Rezende, 2000:196). As notícias são apresentadas através de diversos formatos jornalísticos. Este mesmo autor (2000:151-159) apresenta várias classificações de formatos, para concluir que, assim como não há consenso da terminologia empregada, do

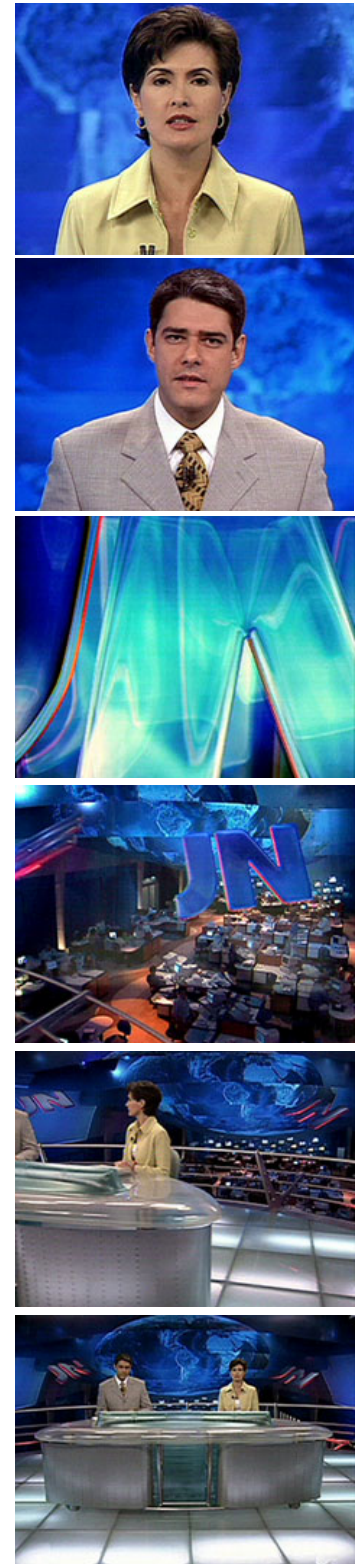


Fig. 9. A escalada do *Jornal Nacional* informa, de forma resumida, as notícias que terão destaque na edição do dia.

mesmo modo, não se pode fixar limites rigorosos entre os diversos gêneros jornalísticos. Assim, os formatos aqui definidos baseiam-se em observação assistemática do espelho do telejornal, levando em conta que o objeto do nosso estudo não se trata do gênero jornalístico em si, mas dos selos dos telejornais, presentes apenas nas apresentações em estúdio. Observamos a distribuição dos diversos formatos ao longo do espelho e, como conclusão, apresentaremos cinco formatos referentes ao gênero telejornalismo informativo, listados com suas respectivas definições.

Nota simples ou *nota pelada* – é o relato mais simples e sintético de um fato. Em telejornalismo, compreende uma narração ao vivo, do apresentador ou âncora em estúdio, à qual não se seguem imagens. Embora Rezende considere os indicadores econômicos como um gênero à parte, por constituírem-se num conjunto de informações que segue um modelo mais ou menos uniforme de representação, optou-se por incluí-los no grupo das notas simples, na medida em que não sendo seguidos por imagens ou notas cobertas, podem se fazer acompanhar por uma tela gráfica com números, por exemplo.

Nota coberta – é ainda um formato de apresentação sintético, mas neste caso, após a leitura ao vivo do apresentador, seguem-se imagens com leitura em *off*. (Fig. 10)

Reportagem – é o formato jornalístico de estrutura mais complexa e que oferece um relato mais completo de um acontecimento. O seu primeiro momento é formado pela *cabeça*, que é lida ao vivo pelo apresentador ou âncora, introduzindo a matéria que será apresentada. Em seguida, exibe-se a reportagem propriamente dita, que aparece no espelho como VT, abreviatura de videoteipe. A reportagem, que é narrada pelo repórter, pode apresentar um texto criado em parceria com o editor responsável pela matéria. O repórter geralmente aparece em uma gravação, em primeiro plano, realizada no local onde o acontecimento se desenrola. Esta gravação, feita para ser usada em algum momento da matéria, é chamada de *passagem* do repórter (Fig. 11). A reportagem pode contar com entrevistas ou trechos de entrevistas, que, por sua vez, são tratados como sonora do(s) entrevistado(s) ou simplesmente sonora(s) (Fig. 12). Finalmente, a reportagem pode ser encerrada com uma *nota pé* – uma pequena nota lida ao vivo pelo apresentador e que traz alguma informação complementar ou que não estava disponível no momento de fechamento da matéria. Pode ser usado



Fig. 10. Na *nota coberta*, apresentam-se imagens após a cabeça lida pelo apresentador. A *nota pelada* não conta com imagens.



Fig. 11. Exemplo de reportagem com *passagem* de repórter.



Fig. 12. Exemplo de sonora de entrevistado

como um recurso para chamar a atenção sobre alguma parte da reportagem, ou alguma possível continuidade do assunto tratado.

Vivo – trata-se de uma reportagem que, como o nome já diz, é realizada ao vivo, sem gravação prévia. É sempre antecedida por uma *cabeça* ao vivo do apresentador ou âncora, que “chama” o repórter. Algumas vezes se utiliza o formato gráfico de uma tela dividida que exibe os rostos do apresentador e do repórter no momento em que é feito o encaminhamento desta passagem. Eventualmente, o vivo pode ser seguido por um VT previamente gravado ou uma entrevista ao vivo.

Entrevista – segundo Rezende (2000:157) é o diálogo que o jornalista mantém com o entrevistado, utilizando sistema de perguntas e respostas, com o objetivo de extrair informações, idéias e opiniões de fatos ou questões. A entrevista pode fazer parte da reportagem, mas consideramos como formato de notícia, unicamente, a entrevista realizada pelo apresentador, seja ela desenvolvida com a presença do entrevistado em estúdio ou não. Dos formatos telejornalísticos é o mais recentemente adotado pelo *Jornal Nacional*, tendo alcançado grande destaque ao longo do ano de 2002 com as entrevistas realizadas ao vivo, em estúdio, com os candidatos à Presidência da República e com o presidente eleito.

Os diversos formatos de exibição da notícia são utilizados ao longo do programa. Após a última matéria, a câmera enquadra cada um dos apresentadores para que se despeçam do telespectador. Se o noticiário do dia teve uma conotação especialmente triste, a despedida é um simples “até amanhã”. Do contrário, um “boa noite”, acompanhado de um eventual sorriso.

A entrada do selo pode acontecer a qualquer tempo do telejornal, durante a leitura ao vivo pelo apresentador. A única exceção é no formato de entrevista realizada com a presença do entrevistado em estúdio.

A existência do selo de um determinado assunto permite que o editor escolha a forma de divulgação da notícia entre *nota coberta* e *nota simples*. Uma notícia de falecimento, por exemplo, pode prescindir de imagens gravadas da pessoa, em função do retrato fixada no selo.

A *nota pelada* ou *nota simples*, quando acompanhada por um selo, pode se assumir como um outro formato de notícia, na



Fig. 13. Passagem de bloco



Fig. 14. “Boa noite.”

medida em que passa a contar com a existência da imagem do selo. O selo, nesta situação, manifesta função informativa, principalmente quando a nota se refere especificamente a alguma pessoa da qual não se tem imagens ou não se deseja utilizá-las. Uma vez que distinguimos as situações de participação do selo no *Jornal Nacional*, podemos estabelecer um levantamento de suas possíveis funções.

3.3

O JORNAL NACIONAL ATRAVÉS DO SEU ESPELHO

O *Jornal Nacional* começa a ser montado, diariamente, a partir da criação de um *espelho* (Fig. 15). O *espelho* é uma pauta de intenções do que se pretende levar ao ar no final do dia. É uma listagem em formato resumido das matérias que se tenciona apresentar. O *espelho* do JN começa a ser delineado dez horas antes de ir ao ar; é natural que ele se altere ao longo do dia, na medida em que surjam outras notícias mais “quentes” e importantes, os factuais, que caracterizam o estilo editorial *hard-news*. A elaboração do *espelho* é de responsabilidade do editor-chefe e deve listar as matérias do dia, seus tempos, a presença de videoteipes, os editores responsáveis, repórteres e a cidade de onde ela se originará.

As primeiras informações apresentadas no *espelho*, correspondem ao dia e hora em que o telejornal será transmitido (às 20:15 de 14/11/02). A numeração seqüencial da primeira coluna à esquerda indica o número da página. Cada página corresponde a uma matéria, apresentada sobre o formato de reportagem ou nota. A página contém o texto que será lido pelo apresentador e também o selo que será utilizado. O *espelho* indica a organização das matérias por blocos, como pode ser visto pela marcação dos intervalos em cor cinza. A segunda coluna do *espelho* mostra se a notícia será apresentada em formato de reportagem (VT), se será uma *nota pelada* (NOTA) ou ainda se será uma transmissão ao vivo (NET). A terceira coluna apresenta em formato resumido a praça que está fechando a matéria e um pequeno título, chamado de *retranca*. As quatro seguintes colunas numéricas apresentam tempos das cabeças, do VT, das matérias e a localização para controle da exibição. A décima coluna mostra o desenrolar do tempo em relação ao tempo total do telejornal, que pode ser conferido na linha ENCERRAMENTO (35:00). A última coluna leva o nome do editor responsável pela matéria, de forma reduzida. Observe que o presente *espelho* mostra que foram exibidas cinco reportagens no primeiro bloco. O segundo bloco tinha duas *notas peladas* (RIO EMPREGO e MERCADOS), enquanto o quarto bloco apresentava indicação de uma *nota pelada* de 15’’(VTA

GRATZ), da cidade de Vitória e de responsabilidade do editor JA (sigla). No último bloco, duas entradas *ao vivo*: Rio: estradas e São Paulo: feriado.

O espelho é mais do que a simples organização do telejornal; é o primeiro instrumento de trabalho do designer responsável pela visualização da notícia. É através do espelho que o designer pode verificar o quanto do seu empenho será requisitado para o programa daquele dia.

PAG	NOTAS	RETRANÇA	LOC	ICAB	IVT	IMAT	FITA	MODI	APV	TEMPO	OK	EDIT
	20:15	JN 14/11/02		0:00	0:00	0:00		yusim		0:00	OK	
01		***** ESCALADA *****		0:45	0:15	1:00		yusim		0:00	OK	
01A		INTERVALO EXTRA	***	0:00	0:00	0:00		yusim		1:00	OK	
03	VT	BSB PEDRINHO RK		0:00	2:00	2:00	7803	yusim		1:00	OK	GA
04	VT	SPO CASAL CT		0:00	1:20	1:20	7804	yusim		3:00	OK	GA
05	VT	SDR LAUDO JR		0:00	1:20	1:20	7805	marcia		4:20	OK	JA
06	VT	RIO ESPANCA AP		0:00	1:20	1:20	7806	yusim		5:40	OK	RJ
07	VT	BSB CRIMINALIDADE DO		0:00	1:40	1:40	7807	marcia		7:00	OK	GA
10		***** PASSAGEM UM *****		0:01	0:08	0:09	7810	graneir		8:40	OK	
10A		**** INTERVALO UM *****	***	0:00	0:00	0:00		graneir		8:49	OK	****
12	VT	BHE REMÉDIOS IM		0:00	1:30	1:30	7812	yusim		8:49	OK	YU
13	VT	SPO DIABETES GA		0:00	1:20	1:20	7813	yusim		10:19	OK	JA
14	VT	SPO ESCOLAR AG		0:00	1:30	1:30	7816	yusim		11:39	OK	YU
15	VT	SPO COMÉRCIO TF		0:00	1:30	1:30	7814	yusim		13:09	OK	YU
16	NOTA	RIO EMPREGO		0:00	0:15	0:15		yusim		14:39	OK	RJ
17	NOTA	MERCADO		0:00	0:20	0:20		yusim		14:54	OK	YU
20		***** PASSAGEM DOIS *****		0:01	0:08	0:09	7820	graneir		15:14	OK	
20A		INTERVALO DOIS	***	0:00	0:00	0:00		graneir		15:23	OK	****
21	VT	LDS PAPA IS		0:00	0:50	0:50	7864	yusim		15:23	OK	BA
22	VT	LDS IMIGRANTES		0:00	0:20	0:20	7853	yusim		16:13	OK	BA
23	VT	NYC PAQUISTANÊS		0:00	0:20	0:20	7824	yusim		16:33	OK	BA
25	VT	NYC PETRÓLEO LCA		0:00	1:20	1:20	7826	yusim		16:53	OK	BA
26	VT	CHARGE	=====	0:00	0:25	0:25	7872	yusim		18:13	OK	AS
27	VT	MICHAEL JACKSON		0:00	0:20	0:20	7825	yusim		18:38	OK	BA
28	VT	BSB TREVI		0:00	0:25	0:25	7829	yusim		18:58	OK	MO
30		***** PASSAGEM TRES *****		0:00	0:08	0:08	7830	operad		19:23	OK	
30A		INTERVALO TRÊS	***	0:00	0:00	0:00		graneir		19:31	OK	****
32	VT	TSA FRAUDE N/C		0:00	0:20	0:20	7832	yusim		19:31	OK	JA
33	NOTA	VTA GRATZ		0:00	0:15	0:15		yusim		19:51	OK	JA
34	VT	SPO PRONA MAS		0:00	1:10	1:10	7833	yusim		20:06	OK	JA
35	VT	RIO/BSB FMI		0:00	0:20	0:20	7834	yusim		21:16	OK	YU
36	VT	SPO GRAZIANO		0:00	0:30	0:30	7835	yusim		21:36	OK	MO
37	VT	BSB TRANSIÇÃO GM		0:00	1:30	1:30	7836	yusim		22:06	OK	MO
38	VT	BHE LULA SU		0:00	1:40	1:40	7837	yusim		23:36	OK	MO
39	VT	LDS FHC ML		0:00	1:20	1:20	7828	yusim		25:16	OK	MO
40		** PASSAGEM QUATRO **		0:01	0:08	0:09	7840	graneir		26:36	OK	
40A		INTERVALO QUATRO		0:00	0:00	0:00		graneir		26:45	OK	
43	VT	BSB PANCADARIA RP		0:00	1:20	1:20	7846	yusim		26:45	OK	DA
44	VT	RIO RODADA RR		0:00	1:40	1:40	7847	yusim		28:05	OK	DA
45	VT	SPO MAPA TEMPO		0:00	0:30	0:30	7854	marcia		29:45	OK	GA
46	NET	RIO ESTRADA		0:00	0:40	0:40		yusim		30:15	OK	RJ
48	NET	SPO FERIADO		0:00	0:40	0:40		yusim		30:55	OK	JA
50		**** BOA NOITE ****		0:00	0:12	0:12		operad		31:35	OK	
50A		ENCERRAMENTO		0:00	0:00	0:00		renato		35:00	OK	
51		CHAMADA 1 - 30"		0:00	0:00	0:00		operad		00:35:00	OK	
52		CHAMADA 2 - 30"		0:00	0:00	0:00		operad		00:35:00	OK	
53		CHAMADA 3 - 60"		0:00	0:00	0:00		operad		00:35:00	OK	
54		PLANTÃO		0:05	0:00	0:05		operad		00:35:00	OK	
55		STAND BY		0:00	0:00	0:00		operad		00:35:05	OK	

Fig. 15. Espelho do *Jornal Nacional* do dia 14 de novembro de 2002.

3.4

“SELANDO” A NOTÍCIA

Procurando definir as atividades do designer em relação ao noticiário impresso, Marcelli e Villas-Boas (2001) sugerem o termo *design de notícias*, compreendendo a notícia como uma “construção *visual*, concebida como tal já a partir do momento em que a fase de *apuração* da notícia é dada por encerrada. Os termos *design de notícias* e *design de informação* são usados para caracterizar novas áreas de atuação dentro do design gráfico. Por este motivo, pode não haver uma definição clara que caracterize cada uma destas atividades. Do nosso ponto de vista, considerando o design de uma informação a ser veiculada por um telejornal, a apuração – embora seja responsabilidade do jornalista – não se encerra na atividade deste. O designer de informação pode necessitar apurar parte do conteúdo sobre o qual irá trabalhar. Isto acontece porque a sua atividade é dirigida para a imagem, enquanto a atividade do jornalista é dirigida para a expressão verbal, a palavra escrita ou sonora. Um exemplo simples pode caracterizar esta diferenciação. Em televisão utiliza-se bastante o recurso das *reconstituições*, animações gráficas que expõem situações ocorridas, das quais não se dispõe de imagens. O jornalista, ao redigir a notícia que explicará a situação, pode falar simplesmente que “os assaltantes estavam em dois carros”. O designer de informação que retratará o evento precisará apurar mais dados sobre estes carros: cor, marca, número de portas etc. A imagem de um carro nunca poderá ser a imagem de um carro qualquer.

O trabalho de design em telejornalismo é realizado pela equipe do Departamento de Arte. É uma equipe interdisciplinar, formada por pessoas de formação diversa como design, arquitetura e engenharia e também alguns técnicos, sem formação específica. As atividades desta equipe compreendem desde a cenografia, seus enquadramentos, iluminação, até o design gráfico (marcas, logotipos, selos), passando pelo design informacional (simulações, infográficos). A criação destes elementos gráficos se baseia, como qualquer objeto de design, numa elaboração projetiva, renovando-se e adaptando-se diariamente a cada novo acontecimento noticioso.

Em telejornalismo, chama-se selo à composição de elementos gráficos que fica ao fundo ou ao lado do apresentador ou âncora, caracterizando o conteúdo da matéria. O selo é constituído por um conjunto de imagens (fotográficas ou infográficas) com o objetivo de reforçar ou complementar o assunto que está sendo lido pelo apresentador. Considera-se

que o selo ajuda a acompanhar a sequência de um determinado acontecimento ao mesmo tempo em que fixa a identidade visual do telejornal.

Esta avaliação nem sempre encontrou unanimidade na própria redação do noticiário. Paulo Orlando Lafer de Jesus, responsável pela Editoria de Arte da Central Globo de Jornalismo, no momento da criação dos primeiros selos para o *Jornal Nacional*, afirma que encontrou muitos obstáculos “para que aceitassem a idéia de que informação verbal e informação visual eram complementares e não entravam em conflito. Hoje, essa tese está definitivamente aceita” (Souza, 1984:132). Para Souza, os selos têm um papel de coadjuvante da informação, na medida em que ajudam a atrair a atenção do espectador. “Nem sempre essa atenção é despertada pela fala do apresentador. O ‘selo’ é uma informação paralela, um estímulo necessário” (Souza, 1984:130).

Apesar dessas evidências, a ausência de referências à imagem gráfica nos telejornais pode ser sentida mesmo nas publicações mais recentes. Guilherme Jorge de Rezende utiliza apenas um parágrafo para descrever a função do selo no seu livro *Telejornalismo no Brasil*:

... o selo é uma ilustração criada pela editoria de arte que identifica um assunto ou notícia que é veiculada em sucessivas edições de um telejornal. Algumas vezes, pode representar também uma seção permanente do noticiário, como as informações sobre o movimento do mercado financeiro ou previsões da meteorologia (Rezende, 2000:151).

O selo pode representar uma idéia mais ou menos abstrata, ou seja, um tema genérico (p. ex. economia, remédios, educação, violência - Fig. 16) sem necessariamente caracterizar uma qualidade desta representação (p. ex. problemas na educação). Pode também compor o significado de um tema ou evento específico (p. ex. greve de caminhoneiros, flagrante de violência policial - Fig. 17). Quando o selo trata de pessoas, recebe o nome de QP, abreviatura de quadro parado. Cada trinta quadros, ou *frames*, equivale a um segundo de imagem em movimento. No QP, um único *take* de uma sequência de imagens é escolhido para ser utilizado parado. O QP também pode expressar uma idéia geral ou específica sobre a personagem em questão. Por exemplo, na realização do QP de um músico pode-se acrescentar à sua imagem uma sequência de notas musicais ou ainda a imagem do instrumento utilizado. O QP de um jogador de futebol pode valer-se da imagem de uma bola.

O selo está presente em diversos formatos da notícia televisiva, sendo elemento especialmente importante na



Fig. 16. Selo violência, exibido em 9 de maio de 1995.



Fig. 17. Selo violência "Rambo", exibido em 5 de agosto de 1998.



Fig. 18. QP morte de George Harrison, exibido em 30 de novembro de 2001.

apresentação das *notas peladas*. Como vimos, *notas peladas*, ou *notas simples*, compreendem matérias curtas apresentadas sem o apoio de imagens em videoteipe. As *cabeças* ou *aberturas*, tratam-se de textos lidos em estúdio pelo âncora e servem para introduzir um assunto a ser apresentado, em formato de reportagem. Os *encerramentos* de matéria ou *notas-pé* são utilizados para concluir o que foi exposto, acrescentando alguma nova informação. As *notas cobertas* são matérias curtas que dispensam a presença de repórteres. Assim, um selo que acompanha a *cabeça* de uma matéria com boas imagens é participante ativo na introdução do assunto apresentado. Por outro lado, um QP que acompanha uma *nota pelada* torna-se um elemento imprescindível para a compreensão do conteúdo da matéria.

3.5

DESCOBRINDO OS SELOS

Tendo compreendido a participação do selo na estrutura da notícia e considerando a total ausência a estudos anteriores realizados sobre a notícia gráfica em televisão, partimos para a realização de uma pesquisa de caráter exploratório-descritivo. O nosso objetivo inicial era obter uma maior familiaridade com o objeto, visando a torná-lo mais apto a construir hipóteses, ao mesmo tempo em que nos propusemos a descrever as características dos selos do *Jornal Nacional*. Partimos da hipótese de que uma observação cuidadosa dos selos do *Jornal Nacional* poderia nos fornecer pistas sobre a forma como alguns assuntos são representados na mídia e, conseqüentemente, no imaginário do brasileiro. Consideramos ainda que a nossa observação nos levaria a prestar uma contribuição para a definição, consolidação e sedimentação de uma gramática visual empregada no grafismo televisual. Do mesmo modo, as transformações tecnológicas ocorridas a partir da introdução de recursos digitais, somadas às técnicas clássicas de utilização da imagem em televisão, seriam expostas.

Para Oliveira (2001), o método é uma estrada, via de acesso e, simultaneamente, rumo, discernimento de direção. O autor cita ainda Chauí, que afirma que “*methodos* significa uma investigação que segue um modo ou uma maneira planejada e determinada para conhecer alguma coisa; procedimento racional para o conhecimento seguindo um percurso fixado.”

A nossa opção de trabalho foi pela utilização do método qualitativo, por considerarmos que este método poderia nos proporcionar a tradução de significados menos óbvios dos

selos do *JN*. A abordagem qualitativa "aprofunda-se no mundo dos significados, das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas" (Minayo, apud Seabra 2001). Finalmente, esta abordagem se presta a análise onde o pesquisador tem um envolvimento anterior, uma relação direta e prolongada com objeto da pesquisa. Este é o nosso caso, na medida em que os selos, como objeto gráfico, estão diretamente ligados à prática profissional da autora do presente trabalho.

A amostra

Embora o CEDOC (Centro de Documentação da TV Globo) tenha colocado à nossa disposição todos os programas (*JN*) gravados, consideramos que a consulta a todos eles seria uma tarefa hercúlea que não encontraria acréscimo de valor no resultado. Afinal, o CEDOC grava o *Jornal Nacional* desde 9 de maio de 1983. Tomamos por base, então, a semana de 9 a 14 de maio de 1983, segunda semana do mês, que foi considerada a nossa semana número 1. A partir desta data traçamos uma amostra por conglomerados de semanas que se sucediam no ano seguinte, no mês seguinte e na semana seguinte. Desta forma, a nossa semana número 2 foi a terceira semana de junho de 1984, a nossa semana número 3 foi a quarta semana do mês de julho, e assim sucessivamente até a primeira semana de dezembro de 2002, que foi a nossa semana de número 20. A Fig. 19 apresenta a distribuição das vinte semanas selecionadas. Com este roteiro, iniciamos a assistência aos telejornais. Em geral, não assistíamos aos telejornais completos. Assistíamos às cabeças, até o momento em que tínhamos certeza do assunto que estava sendo tratado. Anotávamos o assunto como um título do selo (ver anexo 1) e copiávamos um trecho da cabeça para uma fita de qualidade profissional, Beta. Os selos que eram exibidos várias vezes ao longo de uma mesma semana não eram gravados. Mas a sua entrada era anotada. O passo seguinte foi a digitalização dos selos. Alguns selos tinham movimento, outros não. Optamos por gravar quadros parados (sempre em número de três) com momentos que caracterizassem melhor o movimento executado pelo selo. Todas as imagens foram digitadas com a utilização de uma placa Targa e gravadas em computadores PC, recebendo nomes que indicavam dia, mês e ano de exibição e título. Considerando que a cada semana são exibidos em média quarenta selos, a nossa amostra nos permitiu levantar aproximadamente oitocentos selos, o que é uma representação muito ampla do conjunto total.

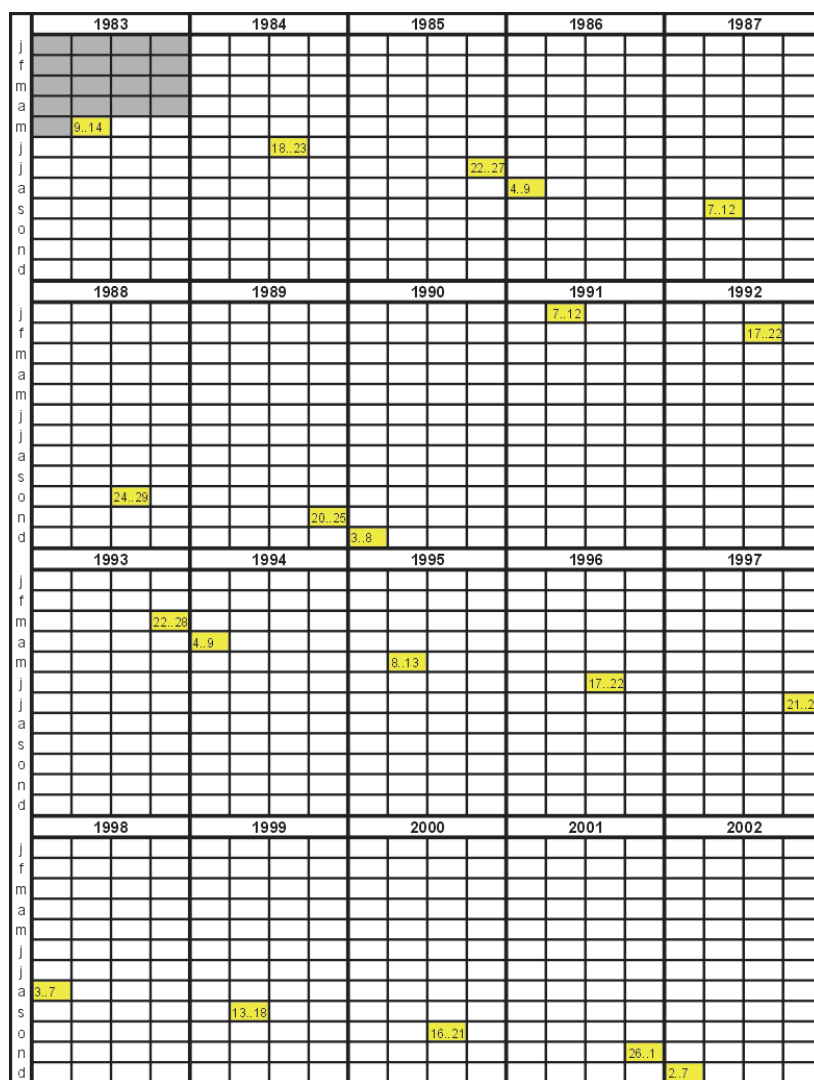


Fig. 19. Distribuição das semanas selecionadas, ao longo dos 20 anos pesquisados.

De posse do conjunto de selos, organizados por ano, fizemos um levantamento dos assuntos mais freqüentes, iniciando uma classificação dos selos por temas. Tendo como objetivo uma organização que contivesse um número representativo de amostras, ampliamos alguns temas, juntando temáticas afins como, por exemplo, assuntos da área da saúde. Em outros casos, consideramos, também, a própria representação gráfica como fator de agrupamento, reunindo no mesmo setor assuntos ligados à economia representados por siglas (FMI, CPMF etc). Assim, concluímos o nosso levantamento com trinta assuntos que transcrevemos em seguida:

1	Salários, emprego, greves
2	Imposto de renda
3	Dívida externa, dólar, balança comercial, exportação
4	Inflação
5	Bolsas, economia, juros
6	FMI, CPMF, CPI
7	Casa própria, aluguéis e poupança
8	Preços, abastecimento
9	Petróleo, combustíveis, energia
10	Meio ambiente
11	Clima, chuva, seca, queimadas
12	Espaço, cometa, aviões
13	Violência
14	Tráfico, tóxicos
15	Seqüestro
16	Presídios
17	Internacional: países, guerras
18	Internacional: países, guerras II
19	Terrorismo, atentado
20	Bóias-frias, sem-terra, MST etc
21	Congresso, política, constituição, sucessão, marajás, etc.
22	Saúde, AIDS, remédios, pesquisa médica, planos de saúde
23	Agricultura, indústria
24	Previdência, aposentadoria
25	Futebol, negócios no futebol
26	Esportes: vôlei, natação, boxe
27	Transportes: estradas, ônibus, carteira de motorista
28	Educação, mensalidade escolar
29	Outros
30	QP

Algumas irregularidades cromáticas podem ser observadas nas amostras recolhidas. Elas não ocorrem pela forma de “captura”, que foi idêntica para todos os selos obtidos, mas devido à qualidade do material original; os primeiros selos encontravam-se originalmente arquivados em fitas U-matic, de qualidade inferior, enquanto os últimos foram gravados em fita Beta. Além disso, as características relativas à inserção dos selos no ar podem gerar diferenças de qualidade. Esta última parte está abordada no final do capítulo 3, quando apresentamos os estilos dos selos. A partir da catalogação deste material, realizamos a sistematização de uma espécie de gramática (capítulo 3), que nos permitiu investigações de sentido do conjunto de grupos de selos (capítulo 4).